

A luz da palavra

Priscila Nobre David

Resenha de Renato Tardivo,
*Porvir que vem antes de tudo – literatura
e cinema em Lavoura arcaica*, Cotia,
Ateliê Editorial/Fapesp, 2012, 144 p.

Em *Porvir que vem antes de tudo – literatura e cinema em Lavoura arcaica*, Renato Tardivo, psicanalista e escritor, lança-se em uma viagem por duas terras, a da palavra e a da imagem, e é justamente na fronteira entre estas que esse trabalho torna-se imprescindível ao leitor interessado na comunicação entre os pares literatura e cinema, fenomenologia e psicanálise. A propósito da comunicação, escreve Tardivo: “Passado e futuro ora se aproximam, ora se afastam, mas sempre se comunicam – naquilo que nomeamos presente. Sem embate, não há tempo, não há outro, não há nada” (p. 132). Nesse trecho derradeiro, Tardivo refere-se à temporalidade, tema primordial em *Lavoura arcaica* (romance de Raduan Nassar e filme de Luiz Fernando Carvalho), assim como em seu próprio texto. Não menos importante seria notar que o excerto aborda também a relação que se estabelece entre as duas linguagens analisadas no livro, a da escrita e a do cinema. Para esse percurso, o da correspondência entre as obras, psicanálise, fenomenologia e estética são companheiras num delinear das travessias. São quatro as seções que compõem esse caminho: “A

partir do livro”, “A descoberta do filme”, “A correspondência” e “Da linguagem aos sentidos: à linguagem”, além de uma “Apresentação” escrita pelo autor e do prefácio, cuidadoso e esclarecedor, por João A. Frayze-Pereira, “Entre o visível e o legível, a unidade dos sentidos”.

Em “A partir do livro”, encontramos uma leitura profunda e atenta da obra de Raduan Nassar, que nos mostra o poder da palavra escrita. Ao nos levar pelos caminhos trilhados por André (narrador-protagonista do romance), Tardivo retoma os pares autor/personagem, continente/conteúdo, que, nessa obra, além de atravessar o ato mesmo de escrever de Nassar, viabiliza a existência de seu personagem. Na descrição de André, empreendida por Tardivo, encontramos passagens como: “Em alguns momentos, os contornos de André perdem-se concretamente nos (des)contornos do mundo” (p. 31), ou “continente e conteúdo se confundem” (p. 31) e até mesmo a expressão “mistura insólita” (p. 33), contida antes no romance de Nassar e que retornará ao estudo realizado por Tardivo mais adiante. Ou seja, somos apresentados à anatomia (ambígua) do narrador-personagem de *Lavoura arcaica* e, por extensão, à anatomia do próprio romance, o qual, como escreve o autor, “se constrói justamente entre o novo – *lavoura* – e o velho – *arcaica*: ele é o jorro que corre entre essas margens. Ao voltar os olhos para a história de sua família e (re)criá-la em um texto, André presentifica em si – e por extensão na narrativa – conflitos e forças passadas e futuras entre os restos de tempos primitivos e novas possibilidades de existência” (p. 46). Nessa passagem, aliás, Tardivo inaugura a discussão mais relevante do seu trabalho: a temporalidade. Na perspectiva adotada pelo autor, o tempo, por meio da escrita e do olhar da câmera, firma-se como criatura e criador, apresentando-se como presente, espaço que funde passado e futuro, sujeitos sempre articulados, afinal, “é a própria palavra do pai que agora está contida nos olhos de André” (p. 51).

Em “A descoberta do filme”, deparamos com um passeio delicado pelas peculiaridades do

Priscila Nobre David é psicóloga e graduada em Comunicação Social (Cinema).

olhar cinematográfico lançado à obra literária. Por meio da análise de fragmentos de entrevistas com o cineasta Luiz Fernando Carvalho, assim como com os demais componentes da equipe, entre eles o responsável pela fotografia, Walter Carvalho, Tardivo recupera e destaca mais uma vez a temporalidade que pauta o encontro entre os dois campos, as duas criações artísticas. Ao discorrer a esse respeito, o pesquisador escreve: “Na obra de Luiz Fernando Carvalho, o compromisso é com o texto de Raduan Nassar: é ao romance que o filme se endereça. O olhar do cineasta, que parte da palavra, procura – antes de tudo e a todo momento – retornar a ela” (p. 63). Somos levados a atentar para os limites entre os dois terrenos, o da literatura e o do cinema, e por meio de contribuições psicanalíticas, como a retomada do termo *après-coup* (temporalidade do “só depois”), Tardivo posiciona a imagem como anterior à palavra, o que confirma a ideia de um porvir (preciso título do livro), no sentido em que foi necessário ao diretor encontrar-se com a obra escrita (ou até, segundo ele, encontrar-se na obra), para que o filme pudesse nascer; filme que, paradoxalmente, já estava vivo: “eu tinha visto um filme, não tinha lido um livro” (p. 66), diz o cineasta. O tempo é ressignificado pela escrita e pelo olhar, tanto de André, como dos autores (escritor e cineasta). Na história de André e sua família, há *a partida e o retorno*, e entre eles um tempo que fica suspenso, petrificado. Não parece haver separação entre esses dois destinos, um remete ao outro – a presença constante do avanço e da transgressão. O fragmento do futuro já se encontra instalado no passado.

Em “A correspondência”, o trânsito entre as linguagens é discutido em suas minúcias. Escreve o autor a respeito da experiência do cineasta: “Ele se reconhece no texto. Adentra-o por entre as frestas das palavras” (p. 66). Há nas palavras de *Lavoura arcaica* algo de luminoso, que nos convida a olhar, e foi para a construção desse olhar que a equipe de produção do filme se preparou, até realizar uma *escrita de luz na tela*. Foi ao avistar na escrita de Nassar aquilo que se escondia

por entre as palavras que a escolha da fotografia do filme se deu, trabalhando com a transição entre luz e sombra, acompanhando a história reconstruída por André. Podemos dizer que foi no percurso entre literatura e cinema que se revelou a *luz da palavra*. A esse respeito, Tardivo escreve: “Assim, quando se trata de trabalhar a imagem do cinema a partir de *Lavoura Arcaica*, cujo cenário envolve concomitantemente tradição e transgressão, a atmosfera construída no filme deve propiciar a proliferação dos mistérios, do invisível” (p. 67).

Ainda em “A correspondência”, encontramos a convergência entre a psicanálise e a fenomenologia – articulação que acompanha o trajeto entre as duas linguagens (literatura e cinema) de modo a apresentar reflexões significativas e originais. Remetendo-se ao conceito de perversão como possibilidade de interpretação do funcionamento psíquico do protagonista, Tardivo traz à discussão o movimento de circularidade encontrado no discurso e no olhar de André, mas vai além: aborda os limites da relação entre as duas obras, num movimento que sempre envolve aproximação e distanciamento, transgressão e tradição, e que por fim, de alguma forma, sugere uma volta: na trajetória de André, a busca pela transformação só é possível através da preservação. Conforme escreve o crítico Ismail Xavier na orelha do livro, “a convergência [...] de psicanálise e fenomenologia [...] marcam aqui presença no cerne mesmo do movimento de análise e interpretação, não funcionando apenas como baliza de conteúdos mas como um quadro teórico que incide na própria maneira de Tardivo operar no plano da estética, pois seu intento é assumir a contaminação recíproca entre arte e psicanálise”.

O sujeito perverso é aquele que não aceita a castração ao deparar com ela. Ocorre então uma recusa por parte do sujeito, através de um processo denominado por Freud *denegação fundamental*. É muito apropriado o empréstimo que Tardivo faz do termo, uma vez que André traz a todo momento, em sua narrativa, o peso da disputa travada com o pai, ou melhor, com aquilo

que o pai representa, a personificação da lei. A impressão que temos é a de que a história não existe sem o embate do filho com a figura do pai. André ultraja a voz que limita. O discurso paterno é constantemente desafiado, mas não descreditado. Isso porque, para violar, é preciso antes conhecer. Afastando-se do campo das psicoses (no qual se ignora a existência do interditor), a perversão reconhece o limite e credita a ele tamanho valor que o movimento de infração deste torna-se sua via de existência no mundo. Talvez a partir daqui, possamos remontar o que diz Tardivo no início do livro: “André confunde-se – de modo desviante, mas confunde-se – com aquela estrutura arcaica” (p. 50). Ao optar pela negação, o sujeito perverso abre mão do estatuto de ser desejante, pois sabemos que é justamente a impossibilidade da satisfação plena que alimenta a busca desenfreada do desejo. É possível afirmar que a perversão afasta-se da neurose na medida em que se aproxima dela, no sentido em que revela aquilo que estaria oculto – põe em ato. Já dizia Freud ser a neurose o negativo da perversão. Desse modo, ocorre nesta última a substituição do desejo, algo é colocado em seu lugar. Na trama do protagonista, podemos pensar na figura emblemática da irmã, Ana, com quem ele realiza o ato incestuoso, ou, conforme propõe Tardivo, no próprio âmbito familiar, do qual André não consegue se diferenciar. O tempo em que André está fora de casa é um tempo suspenso. Durante o exílio, não há nem realização (ato incestuoso), nem interdição (discurso do pai). Não há investimento libidinal, nem escolha de objeto. Trata-se da existência aprisionada.

Nessa medida, é interessante perceber que é para o cerne da família que André retorna – pensando na consumação do ato sexual com Ana – antes mesmo de ter partido. O personagem encontra-se encurralado entre esses dois tempos. É nesse hiato que a história se escreve. Tardivo contorna diversas vezes esse aspecto circular

do percurso de André: “A contestação toma o caminho da conservação. [...] Esse retorno desperado à família evidencia o horror à diferença. Pelo avesso, ele busca chafurdar nas entranhas ancestrais mais arcaicas. A imagem de seu corpo coberto de folhas é também alusiva a esse retorno: expressão da pulsão de morte. Em vez de o corpo irromper para fora, para o mundo, para a cultura, o que há é a recusa da alteridade; o corpo permanece imerso no caldo familiar” (p. 86).

A circularidade das obras (livro e filme) acompanha o olhar de André até o desfecho, quando ele se dirige ao pai, após os acontecimentos trágicos que acometem a família. É nesse momento que encontramos na narrativa características de recriação de sua história, a marca deixada pela irreversibilidade da tragédia é que permite que um caminho reversível se abra à frente de André. É a essa possibilidade de elaboração da experiência que Tardivo indica: “Ao escrever uma espécie de tratado sobre o tempo, é André, em *après-coup*, que finalmente se constitui. [...] É assim que a circularidade do romance aponta, na verdade, para um retorno em espiral” (p. 110).

Analogamente, no capítulo final, “Da linguagem aos sentidos: à linguagem”, Tardivo anuncia ao leitor as reflexões desde o início já contidas em seu texto, em um movimento de contorno do passado, a fim de ressignificar a experiência e redescobrir sua própria linguagem. É interessante perceber contida na palavra *lavoura* a ideia de movimento, ao significar um cultivo da terra, e por sua vez no termo *arcaico*, o sentido de anterior. Também como o protagonista, Tardivo adentra os resquícios, passeia pelos detalhes, carrega os objetos antigos para a construção de um olhar. Ele escreve: “O olhar é fundante da história” (p. 99). Tanto na narração de André, como na análise das obras realizada neste livro, a ressignificação da história se dá através de um retorno ao futuro. É o vestígio de um retorno que possibilita o correr da travessia.